

Milagre de marketing

Carl Sagan não acredita em milagres, a julgar pelo relato que se segue¹:

“Em 1858, uma aparição da Virgem Maria foi relatada em Lourdes, França e desde então centenas de milhões de pessoas desenganadas têm ido a Lourdes na esperança de serem curadas. A Igreja rejeitou a autenticidade de um grande número de pretensas curas milagrosas, mas aceitou apenas 65, em quase um século e meio. A taxa de regressão espontânea em todos os cânceres é estimada entre 1 em 10 mil e 1 em 100 mil. Se apenas 5% dos que vão a Lourdes ali estivessem para tratar de seus cânceres deveria haver entre 50 e 500 curas milagrosas só de câncer. Como apenas 3 dos 65 casos autenticados são de câncer, a taxa de regressão espontânea em Lourdes parece ser inferior à que existiria se as vítimas tivessem simplesmente ficado em casa.”

É fácil ver onde essa historinha pode nos levar, e não se trata de denunciar a subnotificação no departamento de milagres do Vaticano, mas de refletir sobre a imagem grotesca do Presidente erguendo uma embalagem de cloroquina diante de uma multidão de apoiadores extasiados, como um possível prelúdio ao anúncio de uma cura miraculosa.

O milagre aqui será de marketing: a construção de uma narrativa de sacrifício e redenção de um visionário. A probabilidade de o Presidente atravessar a doença sem sintomas é bem grande, e esta é sua aposta política, suas chances são boas.

A interação entre Ciência e Poder é um perigo, pois os dois lados costumam se estragar: cientistas ficam mais cínicos, e os políticos mais malandros. E não é de hoje: há muitos precedentes, talvez o mais interessante seja o da Revolta da Vacina em 1904.

Faz muito tempo, mas o tema sanitário continua atual.

Em 1904, Lauro Sodré, um tenente-coronel jacobino, florianista, e maçom e senador pelo RJ, planejava um golpe de estado a ser deflagrado em 15/11, quando as tropas estariam mobilizadas na capital para o desfile.

Ele achava que a “República do Café com Leite” havia prostituído os ideais originais da Proclamação, mas seus planos foram sendo atropelados pela

¹ Carl Sagan “O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro” São Paulo, Companhia das Letras, 1995, pp. 230-1.

epidemia de varíola no Rio de Janeiro e sobretudo pela publicação da regulamentação para a vacinação obrigatória, um exemplo de “insensibilidade tecnocrática” que, para alguns, criava uma “ditadura sanitária”.

Tomando carona nesta contrariedade, Sodré se torna presidente de uma Liga Contra a Vacinação Obrigatória, fundada em 5/11, que se põe a empreender uma campanha violentíssima que enfatizava “a invasão da privacidade dos lares”, a truculência dos agentes de saúde, higienizando tudo, entrando porta adentro de casas de família, brutalizando esposas e filhas, que precisavam disponibilizar braços, colos e mesmo coxas para a vacina.

Esse moralismo de ocasião foi imensamente eficaz para mobilizar a população. O Rio de Janeiro se viu tomado por tumultos de rua, o desfile militar de 15/11 foi suspenso, mas as tropas vieram para a capital para restaurar a ordem, mirando nos golpistas, que perderam o controle das manifestações. A cidade viveu o caos até a decretação do estado de sítio em 16/11.

O episódio da “revolta da vacina”, como ficou conhecido, teria sido, conforme historiadores, menos um assunto sanitário que uma “revolta contra a História”², do lado certo da qual estava o jovem sanitarista Oswaldo Cruz dirigindo pessoalmente as campanhas de vacinação.

Passado o tumulto, Oswaldo Cruz foi consagrado, a fundação, em Manguinhos, que ganhou seu nome em 1909, se tornou uma presença institucional essencial para estabelecer a autoridade de Ciência em assuntos sanitários.

A Ciência pode ser inconveniente para os políticos, e para este presidente em particular, mas o assunto é complexo. Não esquecer que não foi Bolsonaro quem inventou essa conversa de que a Ciência é apenas uma narrativa.

² N. Sevcenko “A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes” São Paulo, Cosacnaify, 2010, p. 120.